

ORIENTAÇÃO SEXUAL: UMA ANÁLISE DOS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS

Eliane Rose Maio Braga*

Braga, E.R.M. Orientação sexual: uma análise dos Parâmetros Curriculares Nacionais. *Arq. Apadec*, 7(1): 37-41, 2003.

RESUMO. Este texto apresenta-se como uma proposta de discussão em relação aos Parâmetros Curriculares Nacionais, especificamente do volume n.º 10, que trata da Pluralidade Cultural e Orientação Sexual. Esta última temática ainda apresenta muitas dificuldades em ser trabalhada, principalmente na instituição escola, devido a vários fatores, principalmente os tabus e os preconceitos que este tema ainda inspira.

PALAVRAS-CHAVES: Parâmetros Curriculares Nacionais; orientação sexual; postura do educador.

INTRODUÇÃO

Tudo vale a pena se a alma não é pequena...
(Fernando Pessoa)

O presente trabalho pretende fazer uma análise dos Parâmetros Curriculares Nacionais, especificamente do volume n.º 10, intitulado Pluralidade Cultural e Orientação Sexual, material desenvolvido em 1997 pela Secretaria de Educação Fundamental, órgão ligado ao Ministério da Educação e Cultura, que tem como objetivo principal promover reflexões e discussões de técnicos, professores, equipes pedagógicas, bem como pais e responsáveis, com a finalidade de sistematizar a ação pedagógica no desenvolvimento dos alunos, levando em conta os princípios morais de cada um dos envolvidos e respeitando, também, os Direitos Humanos.

O volume analisado confirma logo na sua apresentação que “[..]. busca-se considerar a sexualidade como algo inerente à vida e à saúde, que se expressa desde cedo no ser humano.” (p. 107).

O texto incluído no material dos Parâmetros Curriculares Nacionais sobre a temática da sexualidade informa que este assunto vem sendo mais discutido nas escolas de Ensino Fundamental e Médio, a partir da década de 70, “[..]. por ser considerada importante na formação global do indivíduo” (p. 111). Encontram-se, também, registros de trabalhos desde a década de 20. Contemporaneamente as discussões estão mais acirradas, pois com a abertura política, houve um repensar da escola e dos seus conteúdos trabalhados.

Enfoca que a partir da década de 80 os trabalhos nesta área tiveram um aumento significativo devido à preocupação dos educadores com o au-

mento crescente da gravidez indesejada entre os adolescentes e o risco de contaminação pelo HIV (vírus da AIDS). Neste mesmo período, verificou-se também o interesse dos pais em que a escola trate deste assunto, incluindo o tema Orientação Sexual nos currículos escolares.

Com esta clareza sobre a importância deste tema nas escolas, o material vê a importância de ser ele trabalhado, pois, querendo ou não, elas se deparam com situações nas quais aparecem fatos ligados à sexualidade, cotidianamente.

Assim posto, a proposta do artigo é de explorar este material, principalmente servindo de subsídio para os educadores das escolas públicas, pois verifica-se que ainda não é trabalhada esta temática na maioria das escolas, mesmo estando proposta nos Parâmetros Curriculares Nacionais.

DESENVOLVIMENTO

A criança traz para dentro da escola influências sofridas pela sua família (com seus valores conservadores, liberais ou progressivos), por livros, por pessoas não pertencentes à sua família, e hoje em dia, principalmente pela mídia, que acaba atuando de maneira decisiva na formação sexual de crianças, jovens e até de adultos.

O material, em sua justificativa, enfoca que até existem alguns trabalhos isolados de algumas escolas que, preocupadas com as necessidades dos alunos, incluem o

“Aparelho Reprodutivo no currículo de Ciências Naturais. Geralmente o fazem por meio da discussão sobre a reprodução humana, com informações ou noções relativas à anatomia e fisiologia do corpo humano. Essa abordagem não abarca as ansiedades e curiosidades das crianças, pois enfoca apenas o corpo biológico e não inclui as dimensões culturais, afetivas e sociais contidas

* Docente do Departamento de Teoria e Prática da Educação da Universidade Estadual de Maringá

nesse mesmo corpo.” (p. 113)

Sugere, assim, que a escola, enquanto espaço esclarecedor de dúvidas e formulador de questões e possíveis soluções que busquem o alívio das ansiedades dos alunos e também de espaço em busca do desenvolvimento do prazer pelo conhecimento deve, então, oferecer um trabalho sistemático e sistematizado de Orientação Sexual, visando à promoção da saúde dos alunos envolvidos, principalmente para o seu bem-estar e a vivência de sua sexualidade atual e futura.

A proposta de trabalhar o tema Orientação Sexual leva em consideração que a sexualidade passa pelas dimensões biológica, psíquica e sociocultural.. A sexualidade é construída ao longo da vida, estando marcada por “[...] história, cultura, ciência, assim como afetos e sentimentos, expressando-se então com singularidade em cada sujeito.” (p.117).

A sexualidade começa pelos contatos entre a mãe e filho, despertando neste as primeiras vivências de prazer, servindo estas como a constituição do acervo psíquico do bebê. Ela é construída a partir das suas possibilidades individuais e da sua interação com o meio e a cultura. Recebe desde cedo “[...] uma qualificação ou “julgamento” do mundo adulto em que está imersa, permeado de valores e crenças que são atribuídos à sua busca de prazer, o que comporá a sua vida psíquica.” (p. 118)

Entretanto, conforme destaca MEDEIROS (1999) falar sobre sexo é ainda hoje motivo de constrangimento para muitas pessoas, em especial quando se trata do dialogo entre pais e filhos. Muitos pais não têm formação para tratar do assunto, ou sentem-se constrangidos para fazê-lo. Existe o medo de que a abordagem do tema sirva como estímulo para que o filho pratique o sexo de forma inseqüente e libertária. Argumenta também que a escola através do corpo docente qualificado pode contribuir para romper muitas barreiras, tabus e mitos que envolvem sexualidade. Tal trabalho para ser efetuado não basta fazer parte do currículo, é preciso investir na formação do professor e selecionar aqueles que se sentem aptos a abordarem o tema, pois é sabido que quem ainda tem constrangimento não deve envolver-se no ensino sobre sexualidade, corre o risco de repassar aos aprendizes suas próprias limitações.

O texto trabalhado, nos Parâmetros Curriculares Nacionais, informa que esta temática é bastante atual e está presente no cotidiano de

todos os profissionais da educação, independentemente da disciplina que leciona e propõe uma proposta de atuação nas escolas.

A orientação sexual na escola

O trabalho de Orientação Sexual nas escolas é o de constituir um processo formal e sistematizado que acontece dentro da instituição escolar, permitindo um levantamento de questionamentos, ampliando conhecimentos e opções para que o aluno possa escolher.

Neste sentido FAJARDO (1996) afirma que a sexualidade é um tema da vida privada, mas que deve ser discutido abertamente sem meias palavras pois, considera a sexualidade como uma construção social e cultural, num campo de direito e da luta pela cidadania, onde ocorrem inclusive conflitos pelo poder; de um modo geral e reivindicando-se mais democracia na sexualidade, permitindo que o relacionamento amoroso e sexual seja baseado no entendimento entre as partes, sem domínio de um sobre o outro.

O trabalho realizado na escola não deve pretender substituir a orientação familiar, nem tampouco invadir a intimidade dos alunos, pois esta é uma condição individual e assim deve ser respeitada.

A escola deve abordar as repercussões das mensagens transmitidas pela mídia, pela família e pela sociedade, preenchendo lacunas nas informações que os alunos já têm, propiciando discussões de diferentes tabus, preconceitos, crenças e atitudes existentes nas instituições acima relatadas, para isto deve contar com profissionais qualificados. Assim, MEDEIROS (1999), comenta que resolvido o problema da qualificação a escola deve envolver não somente o aluno como seus familiares, para que estes arquem com as suas responsabilidades educacionais, não transferindo somente para escola a função educativa.

Segundo HALLAL et al. (1987) não há dúvidas de que todos nós desejaríamos que o amor constituísse a base da vida e que a sexualidade tivesse em sua expressão o auge do amor. Ainda não “educamos” o amor das crianças, temos um mito de que o amor não precisa ser educado. Ainda em relação à educação sexual, SCHEIDMANTEL (1986) afirma que houve negligência da ciência sobre o estudo de sua metodologia devido à forte repressão sexual, o que dificultou a busca de orientação e informações.

Postura do educador

Em primeiro lugar, o educador deve reconhe-

cer que tanto crianças quanto jovens têm dúvidas, curiosidades e uma busca pelo prazer manifestada pela sexualidade, pois fazem parte do seu processo de desenvolvimento.

Num segundo momento, o professor acaba passando os próprios valores em relação à sexualidade, mas há a necessidade que saiba discernir que isto ocorre, buscando uma postura ética em sua atuação frente aos alunos. Uma pesquisa realizada por GIANINI & BRUNO-NETO (1998) com professores do Ensino Fundamental (5º a 8º séries) revelou que em relação à sexualidade, muitos deles não possuem conhecimentos e não se sentem preparados para trabalhar com naturalidade e desenvoltura tal conteúdo. Nas questões envolvendo sentimentos e atitudes, entraram em contradição e deixaram transparecer crença arraigada em inúmeros tabus sexuais. Uma significativa percentagem desses profissionais parece estar transmitindo, para seus alunos, tais tabus, preconceitos e comportamentos que acreditam serem os corretos.

A postura do educador é fundamental neste trabalho. Um clima de confiança deve permear as relações, respeitando, assim, a individualidade de cada indivíduo envolvido no processo, bem como levando as informações corretas do ponto de vista científico ou outros esclarecimentos sobre assuntos trazidos pelos alunos.

Relação escola-família

No documento estudado (Parâmetros Curriculares), há uma compreensão da ação da escola como complementar à educação dada pela família. Assim, propõe que a escola deve “[...] informar os familiares dos alunos sobre a inclusão dos conteúdos de Orientação Sexual na proposta curricular e explicitar os princípios norteadores da proposta”. (p. 124)

Assim feito, não cabe à escola julgar como certa ou errada a educação sexual que a família oferece aos seus filhos. Deve, sim, respeitar as diferenças, excetuando os casos em que haja violação dos direitos das crianças e dos jovens (como, por exemplo, situações de violência sexual contra crianças por parte de familiares), cabendo denúncia ao Conselho Tutelar ou autoridade competente. O estudo realizado por MEDEIROS (1999), junto aos alunos do curso supletivo que já eram pais, demonstrou que a maioria acredita que a orientação sexual deve ser compartilhada por pais e professores. Entretanto um percentual “significativo” dos pais entrevistados referiram não se sentir à vontade para fazê-lo, tendo as seguintes

justificativas: constrangimentos, teorias e práticas são diferentes; timidez, não ter formação adequada, não encontrar palavras certas e até mesmo falta de diálogo.

Orientação Sexual Como Tema Transversal

Assim como outros Temas Transversais, a sexualidade também deve ser vista como um produto sociocultural. Portanto, não deve ser explorada somente nos seus aspectos biológicos, mas principalmente nos aspectos sociais, culturais, políticos, econômicos e psíquicos.

Neste material optou-se por integrar o tema proposto por meio da transversalidade, o que “[...] significa que tanto a concepção quanto os objetivos e conteúdos propostos por Orientação Sexual encontram-se contemplados pelas diversas áreas do conhecimento.” (p. 128)

O trabalho de Orientação Sexual deverá ser implementado de duas formas: a) dentro da programação, por meio dos conteúdos já transversalizados nas diferentes áreas do currículo; b) extraprogramados, quando surgirem questões relacionadas ao tema.

Manifestações da sexualidade na escola

As manifestações mais frequentes da sexualidade infantil acontecem nas carícias ao próprio corpo, na curiosidade quanto ao corpo do outro, nas piadas e músicas nas quais transparecem palavras relacionadas à sexualidade, que fazem alusão a gestos e atitudes típicas da manifestação da sexualidade adulta.

“A intervenção do educador nessas situações deve se dar de forma a apontar a inadequação de tal comportamento às normas do convívio escolar. Não se trata portanto de julgar tais manifestações, mas apenas de delimitar a inadequação do espaço da escola para sua efetivação. Cabe ao educador compreender, então, que não se trata de aberração que justifique informar os pais sobre tais fatos, devendo a própria escola estabelecer diretamente com seus alunos os limites para o que pode ou não ocorrer dentro dela. A chamada dos pais só se justifica quando forem práticas muito recorrentes e estejam interferindo nas possibilidades de aprendizagem do aluno.” (p. 130)

Os conteúdos de orientação sexual para o primeiro e segundo ciclos

Neste item, o trabalho sobre Orientação Sexual prevê que a criança que está nas primeiras séries do Ensino Fundamental traz questões pre-

dominantemente ligadas à compreensão de informação sobre sexualidade, como “[...] compreender o que é relacionamento sexual, como ele ocorre, as transformações no corpo durante a puberdade e os mecanismos da concepção, gravidez e parto.” (p. 137)

Blocos de conteúdos

O material é dividido em três blocos de conteúdos a serem trabalhados, por entender que garantem informações e discussões básicas sobre a sexualidade. Esses conteúdos devem possibilitar a abordagem dos diferentes assuntos, variando de acordo com as faixas etárias, cultura regional e fatos específicos da comunidade em que está inserida a escola.

Os blocos são: 1. Corpo: matriz da sexualidade; 2. Relações de gênero; 3. Prevenção às doenças sexualmente transmissíveis/AIDS

1) Corpo: matriz da sexualidade

Neste bloco é feita uma distinção muito interessante sobre os conceitos de organismo e corpo.

“O organismo se refere ao aparato herdado e constitucional, à infra-estrutura básica biológica dos seres humanos. Já o conceito de corpo diz respeito às possibilidades de apropriação subjetiva de toda experiência na interação com o meio. O organismo atravessado pela inteligência e desejo mostrará um corpo. No conceito de corpo, portanto, estão incluídas as dimensões da aprendizagem e todas as potencialidades do indivíduo para a apropriação das suas vivências.” (p. 139)

Assim, a abordagem sobre o corpo deve ir além do biológico, pois este é concebido como um todo integrado, incluindo sentimentos, sensações de prazer e desprazer.

Na concepção de um trabalho interdisciplinar, visando a integração dos conteúdos, deve-se buscar a construção de uma visão de corpo por meio da explicação das dimensões da sexualidade veiculadas por diferentes áreas: Matemática, História, Ciências, Geografia, Educação Física, Educação Artística, Língua Portuguesa, Filosofia etc.

Segundo CHAGAS (1996), é importante que os educadores tenham em mente que as transformações corporais e os demais aspectos correlatos estão presentes na rotina escolar. A escola poderia contribuir muito no sentido de tranquilizar os educandos, ajudando-os a viver este momento existencial, e promover assim, um clima de aprendizagem mais adequado e exitoso.

A autora afirma ainda que o educador influencia o grupo que acompanha e com o qual tem boas relações afetivas. Para enfrentar esse desafio é preciso que ele repense mais a sua própria sexualidade, esteja aberto à questão, ouça mais do que fale, conheça bem os vários aspectos que envolvem o tema, esteja disposto a questionar, consiga rever posições e aceitar as diferentes das suas.

2) Relações de gênero

A discussão sobre relações de gênero objetiva combater relações autoritárias e relativizar padrões preestabelecidos, que são estereótipos que perpetuam na sociedade ocidental. Dizem respeito ao conjunto das representações sociais e culturais construídas a partir da diferença biológica entre os sexos. Há, assim, um desenvolvimento dos papéis sexuais que ditam “normas” na diferenciação do que é masculino e feminino.

O trabalho do educador deve ser, então, o de propiciar discussões sobre as mútuas e variadas expressões do feminino e masculino, buscando uma atitude de respeito.

3) Prevenção às doenças sexualmente transmissíveis/AIDS

Neste conteúdo, o trabalho a ser feito não deve conter uma ligação entre sexualidade e doença ou morte. Deve-se levar em conta um trabalho preventivo, enfatizando as formas de contato que originam risco de contágio, diferenciando-as daquelas que não envolvem nenhum risco. A discussão deve girar em torno de esclarecimentos sobre os fatos e os preconceitos que a sociedade tem, em geral, sobre este item.

Particularmente em relação à AIDS deve-se trabalhar as informações sobre as formas de contágio, as manifestações da doença, mas, principalmente, discutir a discriminação social e o preconceito aos portadores do HIV e os doentes de AIDS, enfatizando os valores de solidariedade e respeito aos outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta lançada neste volume sobre a Orientação Sexual nas escolas deve ser complementada. O texto trata deste tema de uma maneira ampla, destacando os principais aspectos da sexualidade humana e servindo de subsídio para o trabalho dos educadores em geral.

Trabalhar sexualidade com a comunidade escolar requer uma intensa disponibilidade do educador. Exige deste estar ciente de que não conseguirá ficar neutro em relação a este tema, porque

“[...] falar da sexualidade significa, sempre, falar de si mesmo, de suas crenças e valores” (ARATANGY, 1997).

Existem inúmeros materiais disponíveis sobre a sexualidade para se trabalhar nas escolas, tanto com a equipe docente quanto para com os pais e alunos, mas que não são suficientes para focar o tema em discussão, pois além do material científico e da instrumentalização teórica há a necessidade do professor ter sensibilidade e disponibilidade para os desafios que o tema sugere. Além do mais, deverá agir com atitudes de respeito, responsabilidade e, principalmente, enfatizando a importância da afetividade.

Em relação ao material estudado, que foi preparado por uma equipe da Secretaria de Educação Fundamental, este nos parece adequado enquanto introdutório ao tema proposto. Lamentavelmente, no entanto, é muito claro que ele ainda não está subsidiando discussões dentro da escola, principalmente na pública. Inúmeras seriam as razões pelas quais isto ainda não acontece, ainda mais se elencássemos as deficiências do ensino público brasileiro.

Mas nos parece que, além desta nítida dificuldade ou do descaso que caracterizam a educação brasileira, a maioria dos adultos parece não estar ainda preparada para trabalhar esta temática, tanto pais e professores quanto equipe técnica, pois realmente é *difícil ensinar aquilo que não aprendemos ...*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARANTAGY, L. *Sexualidade: a difícil arte do encontro*. São Paulo: Moderna, 1996.
- CHAGAS, E. R. C. Educação sexual: reflexões e proposta. *Educação*, 30:137-154, 1996
- FAJARDO, E. A cidadania sexual em debate. *Cadernos do terceiro mundo*, Ano 21, n. 195. p.6-9, 1996 (Suplemento).
- GIANINI, A. S.; BRUNO-NETO, R.. Perfil da preparação dos professores de 5º a 8º série do primeiro grau para o ensino sobre sexualidade. *Arq. Apadec*, 2(1): 20-26, 1998.
- HALLAL, R. C.; LEÃO, S. C.; SILVA, A. C. A Mulher e a sexualidade. *JBM*, 53(1): 36-51, 1987.
- MEDEIROS, M. M. Investigação sobre o diálogo referente a sexualidade entre alunos do curso Supletivo do Colégio Educacional Santo Antônio e seus filhos. *Arq. Apadec*, 3(1):14-20, 1999.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. *Parâmetros curriculares nacionais*. Brasília: MEC/SEF, 1996.

ISSN 1414-7149

Revista indexada no *Periodica*, índice de revistas Latino Americanas em Ciências <http://www.dgbiblio.unam.mx>